



[www.observatoriodacritica.com.br](http://www.observatoriodacritica.com.br)

## Literatura e Cultura

Rachel Esteves Lima (UFBA/CNPq)\*

Para falar de literatura e cultura, imperioso se faz, inicialmente, refletir sobre o conectivo que une os dois termos, uma vez que, aparentemente, estaríamos diante de uma incoerência gritante. Afinal, a relação entre os dois conceitos, como nos lembra Noé Jitrik,<sup>1</sup> é sinedóquica, ou seja, o que geralmente se chama de literatura estaria contido no que se entende por cultura. No entanto, a utilização inflacionada dessa sinédoque na contemporaneidade traz à tona uma série de transformações ocorridas no seio da crítica literária. Originalmente relacionada à disciplina da Filosofia ou da História, os estudos literários veem-se hoje confrontados aos Estudos Culturais, gerando uma série de reações por parte da intelectualidade das áreas envolvidas, todas elas com sérias consequências epistemológicas, ideológicas e práticas. De um lado, situam-se os partidários da literatura entendida como “Belas Letras”, considerando que a literatura é a própria cultura; do outro, os que defendem a ideia de que a literatura é apenas parte de um campo maior, a cultura, à qual deve se

---

\* Trabalho realizado com apoio do CNPq e publicado em: ALVES, Paulo César (Org.). *Cultura: múltiplas leituras*. Bauru, SP: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2010, p. 229-254.

<sup>1</sup> JITRIK. *Literatura e Estudos Culturais*, p. 29-41. Todas as traduções apresentadas neste artigo são de responsabilidade da autora.

subordinar. Ainda segundo Jitrik, essas posições dicotômicas se fazem acompanhar de certa animosidade, a ser aplacada apenas se forem rompidas as visões estereotipadas que reduzem os que se recusam a deixar escapar o objeto literário a seguidores de uma “melancólica e retardatária religião” ou atribuem àqueles que abordam o texto literário como um fenômeno cultural um comportamento que, de forma empobrecedora, o submete a um “revolucionário compromisso intelectual”.<sup>2</sup> Para se fugir a essas simplificações, talvez seja preciso recorrer a uma visada genealógica que nos impeça de recairmos em naturalizações de conceitos que assumem grande complexidade, pois, como nos alertara Michel de Certeau, “seus significados estão ligados a funcionamentos em ideologias e sistemas díspares”.<sup>3</sup> Nesse sentido, várias obras têm sido publicadas com o objetivo de promover uma historicização dos usos do conceito de cultura e outros temas do mesmo campo semântico, tais como identidade cultural, diversidade cultural, multiculturalismo, interculturalidade, etc.<sup>4</sup> A proliferação de termos ligados à noção de cultura talvez evidencie, como ocorre com os conceitos de pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade periférica, etc., uma demanda por novas formulações teóricas capazes de romperem com as desgastadas categorias dicotômicas, normalmente utilizadas até a década de 1970, no quadro das leituras da dependência cultural. Dessa forma, talvez seja mesmo desejável, hoje, assumir-se a provisoriedade terminológica como estratégia para fugir à racionalidade logocêntrica, em sua ânsia de classificar e fixar identidades, reorganizando, sobre

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 30-31.

<sup>3</sup> CERTEAU. *A cultura no plural*, p. 193.

<sup>4</sup> Apenas a título de exemplos, podem ser citadas as obras de Denys Cuche, Terry Eagleton (2005), Adam Kuper, Roque de Barros Laraia, Armand Mattelart e Raymond Williams, constantes das referências bibliográficas.

uma base transdisciplinar constituída em torno dos Estudos Culturais, todo um campo de interrogações.<sup>5</sup> A abordagem que se pretende fazer, neste artigo, compreende, pois, a verificação das principais transformações operadas no campo dos estudos literários, buscando compreender o seu processo de autonomização em torno da disciplina da Teoria da Literatura, até a incorporação dos desenvolvimentos teóricos do campo dos Estudos Culturais, que talvez se possa mesmo chamar de pós-disciplinar.

A pretensão de cunhar os estudos literários com a marca da ciência determina o ponto de partida de uma relação interdisciplinar na análise do fenômeno literário. Destacando-se da perspectiva humanista, que pressupunha uma abordagem imanente e substancialista da linguagem, segundo as concepções da Retórica, da Poética e da Estética, os estudos do texto literário, a partir do século XIX, voltam-se para as ciências humanas, ou ciências do espírito, recém-constituídas em oposição às ciências da natureza.<sup>6</sup> Essa transição ocorre devido à definição e à valorização de disciplinas como a História e a Psicologia, que participavam do esforço de levar a termo o ideal positivista de conhecimento das regras que regem o comportamento humano e a sociedade. Os estudos literários inicialmente assumem, nesse contexto, o papel de colaborar com a fixação de valores difundidos pelo movimento romântico, consubstanciados no termo “biografia”, enquanto história do indivíduo.<sup>7</sup> Nesse sentido, a abordagem do texto literário por meio do recurso aos conceitos da psicologia, ainda não bem definidos em bases científicas, e da sociologia, em princípio

---

<sup>5</sup> Cf. HERLINGHAUS, WALTER. *Posmodernidad en la periferia*, p. 23.

<sup>6</sup> Cf. SOUZA. *Formação da Teoria da Literatura*.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 65.

baseada nos preconceitos das visões evolucionistas e naturalistas do corpo social, atendem ao objetivo de sustentar a preeminência da figura do gênio criador da obra literária e a ideia de que o texto literário representa a sociedade, no desenrolar de sua história. Às abordagens biográfico-psicológica e sociológica, alia-se uma terceira, a filológica, esta voltada basicamente para a explicação dos textos legados pela tradição, tarefa que muitas vezes se reduziria ao estudo das fontes e influências.

O questionamento às bases dessa crítica, que reduzem o texto literário a uma projeção das impressões do crítico, a uma representação mimética da realidade ou a uma contabilização de débitos e créditos, será levado adiante a partir das primeiras décadas do século XX, através da indicação de novas diretrizes para o tratamento da obra literária, propostas por alguns movimentos e grupos que, de forma diferenciada e em momentos distintos, preocuparam-se com a utilização de uma metodologia mais rigorosa para a análise da literatura. Embora a expressão Teoria da Literatura tenha se disseminado a partir da obra homônima de René Wellek e Austin Warren, publicada em 1942, os estudos literários já se voltavam para os aspectos formais de seu objeto desde a primeira década do século passado, por meio da Estilística, e, posteriormente, a partir de 1917, através das análises dos formalistas russos. A publicação de *Teoria da Literatura* configura apenas o batismo da nova disciplina, que acumulará, ainda, as contribuições do *New Criticism*, da Escola Morfológica, da Fenomenologia dos Estratos e do Estruturalismo.

A Teoria da Literatura, enquanto disciplina, constitui-se a partir da delimitação de alguns pontos comuns a esses movimentos, que podem ser resumidos na recusa da subordinação da literatura à história positivista, na busca de um rigor metodológico capaz de afastá-la do impressionismo crítico e no

investimento em um processo de especialização que prioriza a análise intrínseca dos textos.<sup>8</sup>

Em suas origens, a Teoria da Literatura se caracteriza, portanto, como uma disciplina direcionada prioritariamente para a abordagem imanente da obra literária, lançando mão de contribuições das várias metodologias que colocam a linguagem como o único centro de interesse e priorizando os textos literários que, voltando-se para si mesmos, demonstram uma consciência autoreflexiva, num processo metalinguístico que, durante muito tempo, consistiu no principal critério de valor no julgamento da obra. O estruturalismo, movimento que começa a tomar forma a partir de finais da década de cinquenta, pode ser considerado o ponto culminante dessa postura teórica, mas, paradoxalmente, representa, ao mesmo tempo, a demarcação de uma transição para uma maior abertura na análise do texto, agora não mais entendido simplesmente como a obra literária, mas como uma diversidade de manifestações culturais significantes. Essa abertura levará, num certo sentido, a um questionamento dos critérios definidores de literariedade, ao rompimento das fronteiras entre as disciplinas e a uma abolição das hierarquias entre as diversas práticas culturais.<sup>9</sup> Nas palavras de Barthes,

O Texto esquiva-se a qualquer tipologia cultural: mostrar o caráter **ilimitado** de uma obra é fazer dela um Texto: embora a reflexão sobre o Texto comece pela literatura (isto é, por um objeto constituído pela instituição), o Texto não se detém forçosamente nela; há Texto em toda a parte onde uma actividade de significância é encenada segundo regras de combinação, de transformação e de deslocamento: nas produções escritas, é claro, mas também nos jogos de imagens, de signos, de objectos: nos filmes, nas bandas desenhadas [histórias em quadrinhos], nos objetos rituais.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 100.

<sup>9</sup> Cf. HALL, Stuart. *Da diáspora*; SOUZA. *Estruturalismo: memória e repercussões*.

<sup>10</sup> BARTHES. *O rumor da língua*, p. 83.

O estruturalismo situa-se em um período na história do conhecimento em que as disciplinas de ciências humanas vislumbraram a possibilidade de se firmarem no universo intelectual, por intermédio do recurso a uma metodologia considerada científica, que possibilitará precisar rigorosamente as técnicas, os conceitos, as categorias e os princípios que sustentarão a análise textual. Entretanto, paradoxalmente, trata-se de um momento em que a identidade de cada uma das disciplinas da área é construída por meio do recurso a conceitos desenvolvidos por outras, numa colaboração interdisciplinar que chegou a apontar para uma eventual unificação de todas elas, em torno da Semiologia, definida como a ciência que estuda os signos.

Desencadeado a partir da utilização de conceitos provenientes da linguística saussuriana por parte da antropologia e da psicanálise, o estruturalismo canoniza a tese da autonomia da linguagem e da supremacia do significante sobre o significado, o que conduz à destituição da história e do sujeito como categorias centrais do pensamento. No terreno da análise literária, a apropriação dos conceitos antropológicos e psicanalíticos – estabelecidos, por sua vez, pela linguística estrutural – embasa as pesquisas que, numa fúria taxonômica, tentam estabelecer a estrutura universal das formas narrativas, através de jogos de oposições e semelhanças, numa perspectiva sincrônica que rejeita a concepção de uma história contínua e evolutiva. A “morte do autor”, decretada por Roland Barthes em sua primeira fase, destitui o texto de qualquer noção de origem e identidade, capaz de sustentar uma relação de transitividade da linguagem.

Duraria pouco, entretanto, o radicalismo da crítica estruturalista. Já em 1967, Paul Ricoeur lembrará que a conquista da cientificidade por parte do estruturalismo se fez

às expensas de duas onerosas exclusões: o ato da fala e a história. Propõe, em contrapartida, que “se ultrapasse essa amputação sem por isso recair nos antigos erros do mentalismo ou do psicologismo”. Dessa forma, “pensar a linguagem seria pensar a unidade daquilo que Saussure separou, a unidade da língua e da fala”.

O retorno à história e ao sujeito começa a acontecer, simultaneamente, em várias disciplinas e os princípios de objetividade e universalidade da ciência passam a ser questionados nas abordagens histórica, literária, antropológica e filosófica, dentre outras. A Escola dos Annales abre caminho para a história das mentalidades e a micro-história, que passará a focalizar os acontecimentos a partir da perspectiva dos dominados; na literatura, a noção de intertextualidade disseminada a partir da obra de Bakhtin, via Julia Kristeva, evidencia um cruzamento de vozes no texto, onde a fala do autor se coloca em relação dialógica com as demais; e a Estética da Recepção abandona a visão imanente do texto literário, passando a considerá-lo como produto de uma interação entre autor e leitor, dentro de um determinado contexto.

O retorno à história e ao sujeito não significa, entretanto, uma volta à crença nas possibilidades da história positivista e do sujeito cartesiano. Ao contrário, a história que se propõe recuperar não oferece nenhuma perspectiva teleológica, caracterizando-se pela fragmentação, pela descontinuidade e pelo fato de se apresentar como uma “história a contrapelo”,<sup>11</sup> para usar uma expressão benjaminiana, uma história em que importa resgatar o passado ainda não recortado pelo relato dos dominantes. O sujeito que é retomado nas práticas discursivas, por sua vez, está marcado por uma cisão

---

<sup>11</sup> BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 225.

insuperável, e sua participação no texto constitui-se apenas como mais um gesto de encenação.

O “retorno ao real” e a guinada subjetiva ocorrem, portanto, em uma relação de diferença e não de semelhança para com a visão humanista que antecedeu o estruturalismo. Nesse sentido, o movimento, de uma certa forma, contribuiu para a crise das narrativas de legitimação do saber, que culminou na condição pós-moderna, segundo as análises de Lyotard.<sup>12</sup> Pode-se dizer, ainda, que muitas vezes é difícil precisar as delimitações teóricas entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo, que fundamenta as análises da pós-modernidade. Entretanto, pode-se assegurar que aquele movimento participou de um processo de redefinição e, muitas vezes, de quase dissolução, dos objetos específicos das disciplinas. Nas palavras de Lyotard,

A crise do saber científico, cujos sinais se multiplicam desde o fim do século XIX, não provém de uma proliferação fortuita das ciências, que, por sua vez, seria o efeito do progresso das técnicas e da expansão do capitalismo. Ela advém da erosão interna do princípio de legitimidade do saber. Esta erosão acha-se em ato no jogo especulativo e é ela que, ao desmanchar a trama enciclopédica na qual cada ciência deveria encontrar o seu lugar, as deixa emancipar. As delimitações clássicas dos diversos campos científicos sofrem com isto um trabalho de problematização: desaparecem disciplinas, produzem-se encavalitamentos nas fronteiras das ciências, nascendo novos territórios. A hierarquia especulativa dos conhecimentos dá lugar a uma rede imanente e, por assim dizer, plana de investigações cujas respectivas fronteiras não cessam de se deslocar.<sup>13</sup>

A interdisciplinaridade, como se vê, apresenta-se como uma força deslegitimadora da razão científica. Para ficar apenas em exemplos que envolvem a literatura, pode-se referir a duas situações: na história das mentalidades, a descrença na

---

<sup>12</sup> LYOTARD. *A condição pós-moderna*.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 82.



neutralidade e na objetividade do historiador encaminha os estudos para fontes anteriormente não reconhecidas como documento de valor científico (tais como o romance, o mito, o teatro, o cinema, etc.) e leva ao reconhecimento de que também o discurso histórico se constrói enquanto narrativa, em que o estilo assume o papel fundamental de conferir a aparência de verdade ao texto. Singulares, nesse sentido, são as obras de historiadores que analisam os recursos linguísticos usados por outros historiadores ao longo do tempo.<sup>14</sup> O discurso historiográfico constitui-se, portanto, por meio da utilização de artifícios próprios à retórica, aproximando-se das obras de ficção, e operando a união entre a Ciência e a Fábula, “as duas metades simbólicas e abstratamente distintas da nossa sociedade”.<sup>15</sup> Na literatura, uma nova conceituação de texto, agora entendido em um sentido mais amplo, como “aquele que é constituído como tal pela ideologia e por determinadas práticas sociais e hermenêuticas”,<sup>16</sup> enterra definitivamente a noção de literariedade. Dessa forma, ao texto literário, unem-se como objetos de estudo outras linguagens semióticas, tais como o cinema, a música, a moda, a fotografia, etc., e obras anteriormente enclausuradas em outras áreas “científicas”, produzidas por historiadores, antropólogos e psicanalistas, por exemplo. A cultura ordinária passa a também merecer a atenção dos estudiosos da literatura, que, a exemplo do Barthes das *Mitologias*, empreendem análises do funcionamento da ideologia a partir das produções simbólicas veiculadas pelos meios de comunicação de massa.

---

<sup>14</sup> Como exemplos, podem ser citados: WHYTE. *Meta-história*; GAY. *O estilo na história*.

<sup>15</sup> CERTEAU. *A nova história*, p. 33-34.

<sup>16</sup> EAGLETON Apud FREADMAN. *Re-pensando a teoria*, p. 64-65.

Terry Eagleton, crítico de orientação marxista, já em *Teoria da literatura: uma introdução*, importante manual para os estudos literários publicado em 1983, nega ao conceito de texto qualquer valor ontológico, considerando que nada há de intrinsecamente literário sobre a literatura e que, na verdade, o texto não se constitui enquanto uma instância preexistente que aceita teorização, mas como uma entidade que é construída pela teoria. O autor defende uma abordagem textual que tem como ponto de partida os princípios da retórica, cujo período áureo teria se dado no século XVIII. A retórica, ao se deter no exame das formas através das quais o discurso é construído para atingir determinados efeitos, consistiria em um instrumento para a compreensão da ideologia performadora desse discurso. Além disso, a retórica não se restringe à análise de textos literários, mas, ao contrário, abrange um campo de práticas discursivas que inclui os textos falado e escrito, a poesia e a filosofia, a ficção e a historiografia, não tomados apenas como objetos a serem “esteticamente contemplados ou interminavelmente desconstruídos, mas também [como] formas de atividade inseparáveis das relações sociais mais amplas entre autores e leitores, oradores e público”,<sup>17</sup> apenas compreensíveis em relação ao contexto que os produz. Evidentemente, essa proposta reconhece a importância da utilização de teorias provenientes de áreas distintas para a análise retórica dos discursos. Assim, a Semiótica, a Psicanálise, o Estruturalismo, a Desconstrução e a Estética da Recepção seriam aliados fundamentais no trabalho de se pensar uma teoria que não perpetue a ilusão essencialista do fenômeno literário. Não obstante, o crítico, já naquele momento, dá início à sua crítica ao declínio da utilização do conceito de classe e ao que ele chama de despolitização do discurso da crítica literária, em

---

<sup>17</sup> EAGLETON. *Teoria da literatura: uma introdução*, p. 221.

decorrência da fragmentação do campo de luta da esquerda, agora empenhada em denunciar o caráter excludente do cânone literário, a partir do ponto de vista das minorias.<sup>18</sup>

Importa, aqui, ressaltar que a perda da hegemonia conquistada pelas correntes formalistas de análise literária e o advento no cenário universitário, principalmente norte-americano, de uma epistemologia que reconsidera o lugar ocupado pelo sujeito são imediatamente posteriores aos movimentos sociais ocorridos ao final da década de 1960, coincidindo com a ocorrência de alguns fatores que caracterizam o declínio da esfera pública burguesa: o colaboracionismo da universidade nos projetos de intervenção militar, que colocará em questão a existência de um espaço cultural realmente “autônomo” e que gerará contra-resistências no interior dos *campi*; o movimento feminista, que irrompe nos anos 1960, com força surpreendente, operando a politização da vida privada; e o aumento do número de alunos e professores, como resposta às demandas colocadas pelas revoltas estudantis naquele período, gerando uma grande heterogeneidade étnica e cultural, que, simultaneamente, fragmentam o conhecimento e dificultam a formulação do consenso no seio da comunidade acadêmica. Paralelamente, intensificam-se algumas transformações que passam a ocorrer no Pós-Guerra: a interferência estatal em campos tidos como autônomos no universo social, a industrialização da esfera da cultura e a transnacionalização do capital, que instabilizará o controle de barreiras geográficas, políticas e culturais. Tais transformações não mais exigem dos pesquisadores apenas o recurso a um saber histórico, filosófico ou sociológico, passando a requerer uma conjunção dessas disciplinas com uma visada antropológica e comunicacional, capaz de abarcar todas

---

<sup>18</sup> Essas críticas seriam reiteradas em outras obras do autor, dentre elas: *As ilusões do pós-modernismo*, *A ideia de cultura*, *Depois da teoria*.

as representações do universo da cultura, cuja definição não coincide mais com aquela oferecida pela tradicional comunidade de eruditos. Assiste-se, pois, ao processo de “declínio da arte/ascensão da cultura”<sup>19</sup> e, nele, a apropriação de conceitos provenientes da teoria francesa pós-estruturalista assume importância capital. Ao historicizar o papel cumprido pela obra produzida por intelectuais como Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Roland Barthes, etc., no desenvolvimento dos *Cultural Studies*, François Cusset afirma:

A teoria francesa intervém exatamente na fronteira que separa a contracultura da universidade, lá onde suas proporções tornam-se indiscerníveis e onde seus mediadores são quase sempre os mesmos, professores inconformistas ou poetas-libertinos que ainda freqüentam os anfiteatros dos *campi*. Ela delimita uma zona na qual experimentações artísticas e cursos de teoria inovadores entram em consonância. E, sobretudo, surge em um campo cultural americano onde na época se confrontam a austeridade elitista do “modernismo”, acusado de cristalizar a vida nos museus e nas bibliotecas, e as experiências libertadoras daquilo que ainda não é chamado de “pós-modernismo”, uma cultura fundamentalmente experimental que não tem nem território próprio nem barreiras disciplinares.<sup>20</sup>

Com efeito, embora se possa traçar a genealogia dos Estudos Culturais a partir da criação, em 1964, do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham, instituição que abrigou os pais fundadores dos *Cultural Studies* – Richard Hoogart, Edward Thompson, Raymond Williams e Stuart Hall –, é certo que a expansão dessa área de estudos se processará no ambiente norte-americano, intensificando-se a partir dos anos 1980. Ali, à tradição do *close reading* estabelecida pelo *New Criticism* se mesclarão os

---

<sup>19</sup> Referimo-nos à expressão que dá título à coletânea de artigos sobre a emergência dos Estudos Culturais, publicada na gestão de Raúl Antello da Associação Brasileira de Literatura Comparada, em 1998.

<sup>20</sup> CUSSET. *Filosofia francesa*, p. 71.

conceitos desenvolvidos pela *French Theory* e a análise das subculturas gestadas no capitalismo tardio, lidas pelos culturalistas britânicos como produções simbólicas capazes de se oferecer como espaços de resistência aos processos de exploração e controle individual e coletivo. Daí para a extensão desses aportes teóricos à análise dos produtos simbólicos da cultura de massas norte-americana, mais próxima dos interesses dos alunos e de pesquisadores que passam a questionar o papel exercido pelos intelectuais como agentes sistematizadores da cultura nacional, será apenas um passo. Curiosamente, a entrada da filosofia francesa e dos Estudos Culturais de matriz britânica nos Estados Unidos se dá, de início, nos cursos de literatura, primeiro francesa, depois inglesa e de literatura comparada, ocorrendo um processo de convergência de uma tradição que, desde a segunda metade do século XIX, indaga de modo intenso os procedimentos de análise e interpretação de textos,<sup>21</sup> aos aportes teóricos franceses e ingleses, que investem na desconstrução do sentido originário de qualquer textualidade e nas infinitas possibilidades abertas para a interpretação. Nesse contexto, a indissociabilidade entre as noções de teoria e práxis, proposta por pensadores como Foucault e Deleuze,<sup>22</sup> se ajusta como uma luva a um universo marcado pela prevalência da tradição da filosofia analítica e do pragmatismo. Destaque-se que, a partir do final da década de 1970, passa a ser constante a presença dos principais teóricos franceses (Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, Julia Kristeva, etc.) nas universidades norte-americanas, o que contribui significativamente para a disseminação e reapropriação de conceitos e formulações teóricas do pós-estruturalismo naquele país.

---

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>22</sup> FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 69-78.

A aplicação descontextualizada das ideias desenvolvidas por estes intelectuais é muitas vezes apontada como um dos principais problemas dos Estudos Culturais.<sup>23</sup> A leitura de determinados conceitos se fará sem um lastro filosófico mais aprofundado, fincado numa tradição de autonomia do pensamento, já que o espírito contemplativo nunca foi considerado um dos atributos da formação cultural do Novo Mundo.<sup>24</sup> O fato é que as proposições teórico-filosóficas desses intelectuais fornecem subsídios para operações críticas que, ao tempo em que promovem uma “pan-textualização/pan-narrativização” dos objetos de estudo, buscam empenhar-se nas políticas de identidades, nem sempre bem vistas pelos detratores do pós-moderno. Leyla Perrone-Moisés, uma das partidárias dessa opinião, sintetiza o modo como se processa essa incorporação de ideias:

Nos anos de 1980 e 1990, instalou-se a ideologia do “politicamente correto”, acirraram-se as reivindicações das “minorias”, contestaram-se as hierarquias culturais e as fronteiras entre alta cultura e cultura de massa. Nas universidades, implantaram-se os “estudos culturais” em suas várias vertentes: feminismo, estudos de gênero, estudos de etnia, estudos pós-coloniais, neo-marxismo. Na plataforma de cada uma dessas vertentes, se encontram teóricos franceses: Foucault, por sua crítica ao poder, à ordem dos discursos e à defesa dos vários “outros” (da loucura, da sexualidade). Deleuze,

---

<sup>23</sup> Embora relativize tais críticas, François Cusset não deixa de ressaltar que a teoria francesa se descola de um solo mais filosófico para ser utilizada, muitas vezes de forma indiscriminada, na legitimação acadêmica dos produtos culturais da indústria massiva de entretenimento. Da mesma forma, ao contrário do que se passa nos Estudos Culturais britânicos, que levam a cultura para o terreno da luta política, a ênfase na capacidade criadora do consumidor assumiria, para muitos críticos da vertente norte-americana, a simples função de operar uma desierarquização entre os produtos simbólicos da cultura erudita e de massas. Dessa forma, paradoxalmente, se a filosofia é “literalizada”, a literatura acabaria por se submeter ao domínio de uma teoria que, no contexto norte e latino-americano, a desloca de uma posição anteriormente privilegiada na ordem dos saberes. Cf. CUSSET. *Filosofia francesa*, p. 80-87. Críticas similares podem ser encontradas em EAGLETON. *Depois da teoria*; PERRONE-MOISÉS. *Altas literaturas*; CEVASCO. *Dez lições sobre Estudos Culturais*.

<sup>24</sup> Cf. COSTA. *Contribuição à história das ideias no Brasil*; LIMA. *Dispersa demanda*.

pela ênfase na diferença e suas propostas anarquistas, Barthes, pela sua crítica das mitologias veiculadas na cultura de massa, nas imagens da publicidade. Derrida pelo conceito de logocentrismo e pela proposta de descentramento. Lyotard, pelo anúncio do “fim dos grandes relatos”. Althusser, pela releitura de Marx e Freud. Julia Kristeva, por seu conceito de “intertextualidade”. Hélène Cixous por sua defesa de uma “escritura feminina”. Frantz Fanon, teórico anterior, foi retomado por seu anti-colonialismo.<sup>25</sup>

De um modo geral, os opositores dos Estudos Culturais vêm questionando, no terreno da literatura, a subordinação da análise dos textos à crítica ideológica, a perda da especificidade do literário frente à expansão do campo de atuação dos estudos da área, a disseminação de um ecletismo sem rigor metodológico, a importação acrítica de modismos teóricos e o relativismo cultural, que pressupõe a revisão do cânone literário, normalmente formado por “autores homens, brancos e mortos”. Por outro lado, os defensores da abordagem marxista reclamam a ausência de um projeto político, geralmente compreendido a partir da noção de luta de classes, conceito que será doravante substituído pela agenda de interesses multiculturais relativos aos *gender* e *ethnic studies*.

No caso da América Latina, há ainda o questionamento do caráter neocolonialista da importação das categorias de análise dos Estudos Culturais estadunidenses pela intelectualidade periférica, deixando-se em segundo plano uma série de construtos teóricos desenvolvidos no próprio subcontinente, para lidar com os processos interculturais situados em sociedades multi-étnicas, que se modernizam de modo descompassado e desigual.<sup>26</sup> Com efeito, na América Latina, os estudos sobre as culturas nacionais há tempos se enveredam

---

<sup>25</sup> PERRONE-MOISÉS. *Do Positivismo à Desconstrução*, p. 219.

<sup>26</sup> Cf. YÚDICE. *Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*.

pela discussão sobre as questões étnico-raciais, mas, ao contrário das políticas de identidade norte-americanas, nos discursos da *intelligentsia* local a perspectiva sincrética e transcultural ocupa a centralidade, muito embora essa valorização da identidade multicultural, não raras vezes, oblitere a injusta distribuição da riqueza da região. No que diz respeito à área de estudos privilegiada neste artigo, pode-se dizer que o gesto de associar os termos “crítica literária” e “identidade cultural” na América Latina praticamente significa lançar mão de um pleonasma. Nutrido pelo ideal iluminista que pressupõe um projeto pedagógico imprescindível à construção da nação, o intelectual latino-americano, ao participar do processo de modernização, comporta-se perante a sociedade tanto como um agente de descoberta e valorização da “cultura popular”, necessária para sustentar a identidade dessa “comunidade imaginária”, quanto como um “herói civilizador”, apropriando-se de um discurso liberal “relativo”, uma vez que, para o atendimento de sua demanda pela constituição de um mercado interno para a cultura, terá que recorrer ao Estado.

Gestada a nação no século XIX, no século XX busca-se assegurar-lhe, via ideologia do legado, a “unidade espiritual”, traduzida por um repertório de símbolos discursivamente criados pela intelectualidade. Cabe aos homens de letras minimizar a “sensação de desenraizamento” que acompanha desde o início da colonização os nativos americanos, inventando uma tradição que constitui uma narrativa desistoricizada pela evocação de um retorno às origens arcaicas, pré-modernas, seja através do elogio da herança cultural latina, seja por meio da valorização do mundo indígena pré-colombiano ou pela mitificação da harmonia racial produzida pela prática da mestiçagem. A noção de “lugar” pode ser vislumbrada em tais narrativas de identidade, que, em maior ou menor grau,



apresentam em comum, segundo Santiago Castro-Gómez, os seguintes elementos: a crítica às soluções universalistas; a ideia de que o “mal” se encontra fora da nação; a postulação de uma especificidade cultural; o recurso ao popular como instância legitimadora da verdade; a invocação do sentimento religioso e do messianismo político; a exaltação do paternalismo intelectual e da liderança carismática; o culto aos heróis; a oposição radical entre o autêntico e o estrangeiro; a tentativa de reconciliar todas as oposições sociais; a romantização da mestiçagem e a definição *ex negativo* do “próprio”.<sup>27</sup>

Como se pode perceber, tais concepções se adaptam melhor a sociedades em que a modernização ainda se mostra incipiente, situação vivenciada até meados do século passado, na América Latina, e que não persistirá após a Segunda Guerra Mundial. A reorganização político-econômica ocorrida a partir de 1945 embala o sonho dos desenvolvimentistas, mas as conseqüências da aceleração do processo de industrialização logo se tornaram perceptíveis e, como lembra Antonio Candido, nesse período é deixada para trás a fase de “consciência amena do atraso”.<sup>28</sup> O abandono dos binarismos das abordagens dos desenvolvimentistas é, pois, produto de um novo ajuste teórico, em que o subdesenvolvimento passa a ser considerado não como uma fase a ser cumprida, mas como uma síndrome gerada pela relação de simbiose estrutural estabelecida entre a burguesia nacional e internacional, no quadro do capitalismo tardio.

A “consciência do subdesenvolvimento” acaba implicando um reconhecimento de que, no terreno cultural, “a dependência se encaminha para uma interdependência”,<sup>29</sup> noção que veicula um

---

<sup>27</sup> CASTRO-GÓMEZ. *Crítica de La razón latinoamericana*, p. 70.

<sup>28</sup> CANDIDO. *A educação pela noite & outros ensaios*, p. 140-162.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 155.

questionamento da distinção estabelecida entre centro e periferia. Ocorre nesse momento, portanto, um deslocamento da noção de autenticidade e identidade nacional, uma vez que o capitalismo periférico pressupõe a coexistência de múltiplas temporalidades, a convivência de formas culturais tradicionais e modernas em um mesmo espaço. Frente a esse quadro, alguns conceitos, como por exemplo, os de *super-regionalismo*,<sup>30</sup> *transculturação*,<sup>31</sup> *ideias fora do lugar*,<sup>32</sup> *entre-lugar*,<sup>33</sup> dentre outros, promovem uma reinterpretação do papel do intelectual moderno na América Latina.

É incontestável o fato de que a ampla aceitação da teoria da dependência na América Latina, assim como a experiência revolucionária vivida por Cuba nos anos 1960, contribuiu para homogeneizar uma imagem da América Latina, unida, principalmente, contra o imperialismo econômico norte-americano, que submetia os países do hemisfério sul ao jugo das ditaduras militares. Nesse contexto, a configuração de um conceito como o de *transculturação*, desenvolvido em meados dos anos 1970 por Ángel Rama, assume, para alguns críticos, o sentido de resistência contra o processo de modernização comandado de fora e, para outros, o de uma mistificadora e ideológica conciliação de representações culturais pertencentes a domínios antagônicos. O conceito, apropriado da obra *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, de Fernando Ortiz (1940), é utilizado pelo crítico uruguaio para compreender a proposta criativa de escritores como Juan Rulfo, José María Argüedas, Guimarães Rosa e Gabriel García Márquez, que lograram

---

<sup>30</sup> *Ibidem.*

<sup>31</sup> RAMA. *Transculturação narrativa em América Latina.*

<sup>32</sup> SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas.*

<sup>33</sup> SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos.*

a superação do regionalismo pitoresco ou problemático, para usar a tipologia de Antonio Candido,<sup>34</sup> abandonando ao mesmo tempo os moldes naturalistas e fantásticos, nos quais se baseavam as obras dos períodos anteriores. Como já havia sinalizado o autor da *Formação da literatura brasileira*, a utilização do prefixo *trans*, de corte espacial,<sup>35</sup> aponta para a desterritorialização no terreno da arte, traduzida por uma estética que propugna o advento de um *neorregionalismo*, na terminologia de Rama, ou de *super-regionalismo*, na de Candido, e que prevê um espaço intervalar de criação, onde a obra literária não se atém nem à cópia acrítica nem à pretensa originalidade isolacionista. De acordo com o pensamento de Rama, a transculturação traduz um fenômeno de transitividade cultural, em um cenário de modernizações descompassadas e desiguais, onde a tradição só pode ser recuperada por intermédio de uma relação sincrética com a cultura estrangeira. Acredita o crítico que, por meio dessa síntese conciliatória, o transculturador consegue promover a “autenticidade vernacular e os conteúdos propriamente populares que integram a nação, neutralizando os efeitos de uma modernidade por sua vez niveladora e desigual”.<sup>36</sup>

É a essa tradição de pensamento, aqui metonimicamente representada por Ángel Rama e Antonio Candido, que a crítica à importação dos Estudos Culturais norte-americanos recorre para questionar a eficácia da adoção das políticas de identidade, baseadas na ideia de uma cultura comum e utilizadas como instrumento para o atendimento de demandas sociais e políticas específicas. Tal posição, no entanto, não apresenta uma

---

<sup>34</sup> CANDIDO. *A educação pela noite & outros ensaios*, p. 140-162.

<sup>35</sup> REMEDI. *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*, p. 98.

<sup>36</sup> MORAÑA. *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*, p. 140.

fundamentação consistente com as reflexões que vêm sendo produzidas mais recentemente e que não desprezam as ambigüidades das estratégias utilizadas pelos movimentos das minorias, traduzidas ora pela incorporação dos valores emancipatórios próprios ao discurso da modernidade – recaindo novamente na política essencialista das identidades fixas –, ora pela adoção dos valores pós-modernos, “em que os discursos das representações de grupos, de raças e de classes buscam situar-se ocupando as margens, desestabilizando os centros hegemônicos e trabalhando nos espaços das trocas inter e intra-grupos, numa postura cética quanto a qualquer pretensão de totalidade”.<sup>37</sup> O grande mérito da exposição dessas contradições deriva do fato de que ela evidencia o caráter interessado e o envolvimento subjetivo dos intelectuais na construção dos discursos e das instituições, desnaturalizando a dissociação entre teoria e práxis, que suprime o conflito e institui uma teleologia, em nome do ideológico conceito de ciência. Desse modo, não há por que, em nome de uma autêntica tradição da história das ideias latino-americanas, rejeitar os aportes teóricos de pensadores pós-coloniais que podem enriquecer a abordagem comparativa dos estudos sobre a cultura, principalmente por eles se mostrarem, em grande medida, atentos ao caráter dinâmico e híbrido das trocas ocorridas nesse campo, como é o caso, por exemplo, de Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Judith Butler, etc.

Deve-se ressaltar, ainda, que a entrada dos Estudos Culturais na academia latino-americana coincide com a redemocratização do subcontinente, ocorrida num momento em que se intensifica o processo de globalização, traduzido pelo trânsito de pessoas, moedas, tecnologias e modelos ideológicos, o que vai complicar sobremaneira a análise cultural, requerendo-

---

<sup>37</sup> COSTA. *Crítica literária e estratégias de gênero*, p. 155.

se, pois, novos conceitos que possam servir para a compreensão dos “processos heterogêneos de conformação de uma modernidade tardia construída em condições de acelerada internacionalização dos mercados simbólicos em um nível mundial.”<sup>38</sup> Como temia Ángel Rama, a modernização operada a partir do mercado transnacionalizado acaba desacreditando as estratégias transculturadoras,<sup>39</sup> demandando-se novas formulações críticas que possam oferecer vias interpretativas capazes de proceder à análise do universo da cultura na época de sua subsunção ao capital.

Assim, se nos conceitos de Ángel Rama e Antonio Candido persiste uma certa noção de identidade e autenticidade da cultura popular, o mesmo não se pode dizer do conceito de *hibridismo*, desenvolvido por Néstor García Canclini.<sup>40</sup> Nos anos 1980, as transformações sociais, econômicas e políticas decorrentes de um processo intensivo de transnacionalização mercadológica, colocam sob suspeita a possibilidade de uma “transculturação regionalista” que implique ainda o reconhecimento de representações genuínas do ser latino-americano. O desenvolvimento de uma “cultura internacional-popular”,<sup>41</sup> consequência das estratégias de globalização que vêm sendo adotadas no quadro político-econômico da atualidade, não deixa mais margem para a exclusão de uma esfera antes não devidamente contemplada pela crítica de Candido ou Rama: a cultura de massas. Ao enfatizar o caráter construído dos discursos que definem a essência e os valores atribuídos à cultura erudita, popular, nacional ou estrangeira, Canclini

---

<sup>38</sup> BRUNNER. *América Latina: cultura y modernidad*, p. 38.

<sup>39</sup> Cf. TRIGO. *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*, p. 150.

<sup>40</sup> CANCLINI. *Culturas híbridas*.

<sup>41</sup> ORTIZ. *Mundialização e cultura*, p. 111.

rejeita a ideia de “origem das tradições” e de “originalidade das inovações”<sup>42</sup> e abre caminho para a análise das mesclas de códigos culturais pertencentes aos múltiplos registros. E é justamente a quebra da autoridade de quem decide as posições hierárquicas no terreno da cultura o que evidencia uma mudança paradigmática entre a estética moderna e a pós-moderna. Segundo o antropólogo, na atualidade não cabe mais ao intelectual, mas ao mercado oferecer modelos identitários, que transpõem as barreiras das nações.<sup>43</sup>

A proposta de García Canclini tem levado, entretanto, ao justo questionamento quanto à eficácia de um conceito que assume tão vasta amplitude fenomenológica.<sup>44</sup> Se o hibridismo é característica incontestável de qualquer cultura, torna-se impossível distinguir o *próprio* do *alheio* e a diferença acaba se reduzindo à “mesmidade”, ou à identidade que tanto se procurou evitar. Esse é, na opinião de alguns críticos, o cenário que vem sendo desenhado pelo movimento de globalização. A reificação do potencial regulador do mercado na esfera das trocas culturais e o relativismo crítico que atualmente impera nas abordagens multiculturalistas e comparativistas têm sido problematizados, ainda, por nomes como Beatriz Sarlo, Fredric Jameson, Antoine Compagnon, José Joaquín Brunner, Peter Brooks, Michael Riffaterre, Jonathan Culler e Leyla Perrone-Moisés.<sup>45</sup> A dificuldade contemporânea de sustentação das “regras da

---

<sup>42</sup> CANCLINI. *Culturas híbridas*, p. 204.

<sup>43</sup> Cf. CANCLINI. *Consumidores e cidadãos*.

<sup>44</sup> O próprio Canclini parece operar uma revisão de suas ideias no livro *Diferentes, desiguais e desconectados*.

<sup>45</sup> Cf. SARLO. *Cenas da vida pós-moderna*; JAMESON. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*; COMPAGNON. *Os cinco paradoxos da modernidade*; BRUNNER. *El espejo trizado*; PERRONE-MOISÉS. *Altas literaturas*; KOMAR. *World Literature Today*.

arte”,<sup>46</sup> que buscavam legitimar a garantia do retorno do investimento modernista no futuro, em detrimento da valorização dos ócios e negócios que operam no curto prazo, vem levando muitos dos antigos detentores do capital intelectual responsável pela demarcação do valor dos bens culturais a clamar por um tipo de intervenção nesse mercado, hoje invadido por uma horda de agentes que não mais se contentam em atuar apenas como passivos consumidores. Em busca de por fim ao relativismo do “vale tudo” que estaria reinando no campo da arte na atualidade, muitos dos representantes da “cidade das letras”<sup>47</sup> insistem em lutar para recuperar para si o território garantido por escrituras anteriormente legitimadas pelo Estado-Nação. Assim, aludindo à ideia de “crise do juízo de valor”, tais intelectuais parecem não se dar conta de que a expansão dos mercados traz consigo o esgotamento não apenas dessa forma de organização geopolítica, mas também do regime disciplinar que, apenas aparentemente, garantia a ordem dos saberes. Sem a manutenção de uma reserva de mercado, esvai-se o consenso e acirram-se as competições. Nesse sentido, pode-se dizer que talvez não seja por acaso que os questionamentos mais contundentes sobre os perigosos limites que os estudos literários vêm rompendo e a denúncia da ameaça que paira sobre a atividade crítica tenham tido como cenário, no Brasil, um dos congressos da Associação Brasileira de Literatura Comparada. Afinal, a abertura processada pela perspectiva comparatista à diversidade de temas e objetos de pesquisa, assim como a discussão do conceito de Nação como elemento fundador desse campo de estudos, opera deslocamentos na área dos estudos literários, a partir da gestação de uma pluralidade de discursos que traduzem um processo de democratização dos

---

<sup>46</sup> BOURDIEU. *As regras da arte*.

<sup>47</sup> RAMA. *A cidade das letras*.

lugares de produção de conhecimentos. A polêmica iniciou-se em 1996, com o ensaio de Leyla Perrone-Moisés – “Que fim levou a crítica literária?” – apresentado no V Congresso da ABRALIC. Nesse texto, a autora condenava veementemente o culturalismo populista que, incorporado apressadamente pelos estudos literários no País, estaria resultando na crise dos critérios de julgamento do valor das obras. Decorridos 13 anos desse evento deflagrador de uma cisão na vida literária brasileira, e após vários esforços para oferecer respostas consistentes à reação que ali se iniciara,<sup>48</sup> parece-nos hoje ter havido uma acomodação e talvez até mesmo um abandono do espaço da ABRALIC como instância democrática de produção e divulgação de conhecimentos. De qualquer forma, não se pode deixar de pensar que talvez esteja implícita nessa crítica ao “populismo” dos Estudos Culturais uma resistência a esse processo de democratização. E talvez John Beverley, autor de um polêmico livro intitulado *Against Literature*, no qual se investe contra a dominação exercida pelo intelectual na “cidade letrada”, esteja mesmo certo em sua avaliação. Segundo Beverley, a resistência aos *Cultural Studies* dever-se-ia a um mal-estar frente à nova sociedade de consumo, revelando um mal-disfarçado temor experimentado pela *intelligentsia* de ver-se deslocada por um “sujeito popular-subalterno multiforme”.  
Afirma o crítico:

---

<sup>48</sup> Como exemplos, podem ser citadas as discussões ocorridas durante a gestão 1996-1998 da ABRALIC, que culminaram no VI Congresso da Associação, cujo tema foi: Literatura Comparada = Estudos Culturais? Além dos trabalhos apresentados no evento sobre o tema, ressalte-se ainda as seguintes publicações: ANTELO. *Declínio da arte, ascensão da cultura*; ANDRADE, CAMARGO, ANTELO (Org.). *Leituras do ciclo*. Com a mesma preocupação, podem ser elencados ainda os eventos promovidos pela gestão 2000-2002 da ABRALIC: em 2001 o colóquio *Valores: Arte, mercado, política*, do qual resultou a publicação: MARQUES, VILELA (Org.). *Valores*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/ABRALIC, 2002; e o VIII Congresso ABRALIC, realizado em Belo Horizonte, em 2002, com o tema “Mediações”.



[...] se os Estudos Culturais são um lugar a partir do qual podemos registrar em nossas disciplinas uma negação de sua autoridade como tal – ou seja, uma negação da autoridade das formas da cultura burguesa – então os Estudos Culturais preparam/antecipam/legitimam a necessidade/possibilidade de uma revolução cultural.<sup>49</sup>

A confiança no potencial subversivo desse novo campo pós-disciplinar esbarra, porém, na posição expressa por Beverley, segundo a qual, ao contrário do que pensam seus detratores, o que prejudica os Estudos Culturais não é o caráter populista a ele atribuído, mas o fato de não serem eles “suficientemente *populares*”. Dessa forma, a resistência aos Estudos Culturais significa, também, a contrariedade de alguns segmentos das classes letradas frente à ampliação das condições de acesso à universidade a um enorme contingente de pessoas antes relegada às suas margens, assim como uma oposição à abertura interdisciplinar que, ao permitir que profissionais com formação em diferentes áreas atuem em um mesmo curso, realizem pesquisas com aportes teóricos desenvolvidos em diversos campos de conhecimento ou participem dos mesmos eventos acadêmicos, resulta no questionamento da hierarquia estabelecida na ordem dos saberes. Felizmente, a julgar pela força das mudanças ora em curso na universidade brasileira, parece-nos difícil crer que essa resistência da parte dos que se opõem aos Estudos Culturais seja suficiente para vencer os contrapoderes que hoje nela emergem, graças à atuação das classes populares.

Voltando à área dos Estudos Literários, necessário se faz ressaltar que não se trata aqui de defender a sua absorção pelos Estudos Culturais, mas de se procurar compreender, a partir do percurso traçado neste artigo, o caráter histórico das teorias responsáveis pelo seu processo de autonomização. Assim, a abertura da crítica literária aos estudos de bens

---

<sup>49</sup> BEVERLEY. *Nuevas perspectivas desde/sobre América Latina*, p. 588.

simbólicos produzidos neste e em outros sistemas semióticos pode ocorrer em um diapasão próprio, que agrega os aportes teóricos que lhe permitem tomar como objeto privilegiado de análise o texto, em suas filigranas, mas agora procurando relacioná-lo ao seu contexto de produção e recepção. Certamente, a crítica realizada a partir dessa perspectiva afirmará, sim, “a verdade do relativo”,<sup>50</sup> visto que já não se pode desconsiderar o caráter subjetivo inerente a todo processo de interpretação. Mas, como dizia Deleuze, talvez o melhor mesmo seja a produção de uma crítica não judicativa, pois “tudo o que vale só pode fazer-se e distinguir-se desafiando o juízo.”<sup>51</sup>

## Referências

ANDRADE, Ana Luíza, CAMARGO, Maria Lúcia Barros, ANTELO, Raúl (Org.). *Leituras do ciclo*. Ilha de Santa Catarina: Abralic, 1999.

ANTELO, Raúl et. al. *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Abralic; Letras Contemporâneas, 1998.

BARTHES, Roland. Jovens investigadores. In: *O rumor da língua*. Tradução de António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987, p.83.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*; ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.225. (Obras Escolhidas, 1)

BEVERLEY, John. *Against Literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

BEVERLEY, John. Postscriptum. In: MORAÑA, Mabel (Ed.). *Nuevas perspectivas desde/sobre América Latina*. 2 ed. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburgh, 2002, p. 579-588.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

---

<sup>50</sup> DELEUZE. *O que é a filosofia*, p. 168.

<sup>51</sup> DELEUZE. *Crítica e clínica*, p. 153.

BRUNER, José Joaquín. *El espejo trizado*. Santiago: FLACSO, 1988.

BRUNNER, José Joaquín. *América Latina: cultura y modernidad*. México: Grijalbo, 1992.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos*. Tradução de Maurício Santana Dias. Niterói: Ed. UFRJ, 1995.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 140-162.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Crítica de la razón latinoamericana*. Barcelona: Puvill Libros, s.d.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránsky. Campinas: Papiirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. A história – uma paixão nova. Mesa-Redonda, com a participação de Philippe Ariès, Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie e Paul Veyne. In: LE GOFF, Jacques et al. *A nova história*. Tradução de Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70, 1986.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Tradução de Cleonice Mourão et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

COSTA, João Cruz. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

COSTA, Vera Maria Queiroz. *Crítica literária e estratégias de gênero*. Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC-RJ, 1995. (Tese, Doutorado em Literatura Brasileira).

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. 2 ed. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

CUSSET, François. *Filosofia francesa: a influência francesa de Foucault, Derrida, Deleuze & Cia.* Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DELEUZE, Gilles. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. Para dar um fim ao juízo. In: *Crítica e clínica.* Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 143-153.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução.* Tradução de Waltesir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo.* Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura.* Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: EDUNESP, 2005.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo.* Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FOUCAULT, Michel, DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* 7 ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.69-78.

FREADMAN, Richard e MILLER, Seumas. *Re-pensando a teoria; uma crítica da teoria literária contemporânea.* Tradução de Aguinaldo Gonçalves e Álvaro Hattner. São Paulo: Ed. UNESP, 1994, p.64-65.

GAY, Peter. *O estilo na História.* Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HALL, Stuart. *Da diáspora.* Organização de Liv Sovik; tradução de Adelaine la Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HERLINGHAUS, Hermann, WALTER, Monika (Ed.). *Posmodernidad en la periferia: enfoques latinoamericanos de la nueva teoría cultural.* Berlim: Langer, 1994.

JITRIK, Noé. Estudios culturales/estudios literarios. In: PEREIRA, Maria Antonieta, REIS, Eliana Lourenço (Org.). *Literatura e Estudos Culturais.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000, p.29-41.

KOMAR, Kathleen. The state of Comparative Literature: theory and practice. *World Literature Today*, Oklahoma, v. 69, n.2, p. 287-292, Spring 1995.

KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru: EDUSC, 2002.

LARAIÁ, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro. In: *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p.3-29.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de José Bragança de Miranda. Lisboa: Gradiva, 1989.

MARQUES, Reinaldo, VILELA, Lúcia Helena. (Orgs). *Valores*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/ABRALIC, 2002.

MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005.

MORAÑA, Mabel. Ideología de La transculturación. In: MORAÑA, Mabel (Org.). *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburgh, 1997, p. 137-145.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Pós-estruturalismo e Desconstrução nas Américas. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.) *Do Positivismo à Desconstrução*. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 213-236.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa em América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REMEDÍ, Gustavo. Ciudad letrada: Ángel Rama y La espacialización del análisis cultural. In: MORAÑA, Mabel (Org.). *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh:

Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburgh, 1997, p. 97-122.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar no discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 11-28.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

SOUZA, Eneida Maria de. A repercussão do Estruturalismo nas Ciências Humanas. In: MARI, Hugo, DOMINGUES, Ivan, PINTO, Julio. *Estruturalismo: memória e repercussões*. Rio de Janeiro: Diadorim, p.109-118.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Formação da Teoria da Literatura; inventário de pendências e protocolo de intenções*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Niterói: Universidade Fluminense/EDUFF, 1987.

TRIGO, Abril. De La transculturación (a/em) lo transnacional. In: MORAÑA, Mabel (Org.). *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburgh, 1997, p. 147-171.

WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. 3 ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

YÚDICE, George. Contrapunteo estadunidense/latinoamericano de los estudios culturales. In: MATO, Daniel (Coord.). *Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2002, p. 339-352. Disponível em: <http://www.globalcult.org.ve/pdf/Yudice.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2009.